

## O que pensa a juventude sobre o 13 de Maio?

*Gabriela Gonçalves*

Em 13 de maio de 1888, após dias em discussão com o Congresso, a Princesa Isabel, aboliu oficialmente a escravidão negra no Brasil. De lá para cá, o país passou por diversas mudanças, desde a proclamação da República em 1889 até a redemocratização política. Apesar de todos esses anos, a luta contra o racismo, a conquista da Lei de Cotas, a importância da representatividade, entre outras questões, têm sido pautas que seguem ainda atuais nos dias de hoje.

Tradicionalmente, a juventude tem um papel importante em momentos simbólicos da nossa história. Por ser um período de construção de identidades, costuma ser a fase em que despertamos de modo mais intenso nossa atenção para assuntos com os quais teremos de lidar pelo restante da vida.

O 13 de Maio, uma data carregada de simbolismo e representação não só para negros e negras, mas para a história do nosso país, é um marco na narrativa abolicionista. E para os jovens que constroem diariamente as novas configurações do significado do que é ser negro no Brasil, representa muito mais do que só um dia no calendário.

Para o estudante de Pedagogia Roger de Lima, de 24 anos, reconhecer a importância do 13 de Maio é necessário para se manter viva na memória coletiva a luta da população negra que, ainda hoje, enfrenta dificuldades para se inserir de fato na nossa sociedade.

Para o jovem, que já atua como educador social há pouco mais de dois anos, resgatar a memória de figuras atuantes na luta contra o racismo como Luís Gama, advogado e escritor, tido por muitos, como o patrono da Abolição da Escravidão no Brasil, é importante para que entendamos também que a luta pelos direitos dos negros começa bem antes de 1888.

Já para o analista e influenciador Hugo Gama, de 33 anos, embora importante e simbólico, o dia 13 de Maio não é uma data a ser celebrada, sobretudo porque a população negra tem sofrido com os efeitos da escravidão até os dias de hoje. Para ele, o Brasil de 1888 e o de 2019 ainda convergem em muitos pontos. “Ainda tratam pessoas negras como mercadoria, como algo descartável. Isso não tem a ver somente com a minha visão de mundo, mas também com indicadores sociais, econômicos e mapas de violência”, afirma.

Os indicadores aos quais Hugo se refere estão apontados por exemplo, no Atlas da Violência de 2018, que mostram que a taxa de homicídios entre negros aumentou pouco mais de 23% entre os anos de 2006 e 2016, ao mesmo tempo em que o número de homicídios entre indivíduos não negros caiu 6,8% no mesmo período.

Hugo reconhece que vê a juventude negra muito mais mobilizada em torno do que chama de “ressignificação dessa data”, e destaca a participação de mulheres negras que têm sido combativas ao enfrentarem diariamente o racismo e o machismo. O rapaz, que tem uma filha de 7 anos, diz que apesar de tudo, vê

o futuro com apreensão. “Fico pensando como será a sociedade para uma mulher negra daqui a alguns anos”.

A exemplo dessas mulheres, Vanessa Ribeiro, dentista, de 25 anos, destaca a importância de nomes como Luiza Mahin, mãe de Luís Gama, e Dandara dos Palmares, que assumiam um papel estratégico de liderança nos movimentos de resistência no período da escravidão, semelhante às posições encabeçadas por mulheres negras nos dias de hoje.

Vanessa lembra que este ano, o Senado aprovou o Projeto de Lei 55/2017, da Câmara, que inscreve no Livro de Heróis da Pátria os nomes de Dandara e Luiza, um passo importante para o reconhecimento da participação de mulheres negras na luta contra a escravidão e o racismo.